



Ensinando estudantes imigrantes: professores de matemática como agentes de inclusão

Resumo:

Este artigo discute os desafios e as possibilidades da educação matemática em contextos marcados pela migração internacional. A partir de uma abordagem crítica e inclusiva, defendo que professores de matemática podem atuar como agentes socioculturais e políticos, desempenhando um papel fundamental na construção de práticas pedagógicas que favoreçam a inclusão de estudantes imigrantes. Argumento que o encontro entre diferentes histórias de vida, idiomas, culturas e experiências pode enriquecer as aulas de matemática, desde que haja reconhecimento as desigualdades e os processos de exclusão presentes na escola. Com base em dados de entrevistas realizadas com professores e pais de estudantes imigrantes, analiso como o racismo, a xenofobia e a diversidade cultural interferem nas oportunidades de aprendizagem matemática. A pesquisa, de natureza qualitativa, insere-se no campo da Educação Matemática Inclusiva e propõe reflexões sobre práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social e com o direito à educação de qualidade para todos.

Palavras-chaves: Estudantes imigrantes. Educação Matemática Inclusiva. Racismo. Formação de professores. Diversidade cultural.

Manuella Heloisa de Souza Carrijo

Universidade de São Paulo
São Paulo, BA – Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-5879-7652>
 manuellaheloisa@gmail.com

Recebido • 04/04/2025
Aprovado • 05/06/2025
Publicado • 08/08/2025

Comunicação Científica

1 Estudantes imigrantes nas aulas de matemática

De acordo com o Inventário Internacional de Migração das Nações Unidas, em 2019, aproximadamente 3,5% da população mundial era composta por migrantes. Esse número revela que os sistemas educacionais estão cada vez mais marcados pela diversidade, exigindo que políticas e estruturas escolares sejam revistas para garantir o direito à educação como um direito humano fundamental.

A presença de estudantes imigrantes nas escolas desafia a naturalização de práticas que invisibilizam ou marginalizam sujeitos considerados "fora da norma". Diversos episódios de racismo e xenofobia revelam a urgência de construir propostas pedagógicas que reconheçam e valorizem as diferenças, promovendo práticas inclusivas em sala de aula — inclusive na educação matemática.

A matemática, como lembra Skovsmose (2020), não é neutra nem apolítica. Ela participa ativamente da construção do mundo e pode contribuir para a reprodução ou para o enfrentamento de desigualdades sociais. A educação matemática possui, portanto, uma dimensão ética, política e social, capaz de promover reflexões sobre injustiça, opressão, racismo, democracia e outros temas urgentes de nosso tempo. Assim, o ensino de matemática precisa ser pensado de forma crítica e contextualizada, levando em consideração as múltiplas experiências que compõem o cotidiano escolar.

Nesse processo, os diferentes atores envolvidos na formação docente — como futuros professores, formadores e supervisores de estágio — devem colaborar na construção de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade. A migração, longe de ser vista como um problema, deve ser reconhecida como uma oportunidade de aprendizagem, que amplia os horizontes éticos, culturais e linguísticos de todos os envolvidos.

Entretanto, quando a diversidade é ignorada, corremos o risco de produzir exclusões e dificuldades de aprendizagem. Vandebroek (2013) aponta que muitos equívocos ainda persistem na escola, como a ideia de tratar todos os estudantes da mesma maneira — o que gera a noção de um “aluno padrão”, geralmente associado à criança branca, de classe média, com uma família considerada “tradicional”. Outro equívoco é reduzir o estudante à sua nacionalidade ou cultura, desconsiderando a complexidade de suas vivências e identidades.

Soma-se a isso o impacto de estereótipos raciais, culturais e sociais na trajetória escolar dos estudantes imigrantes. Barros (2021) observa que os estereótipos podem limitar os *foregrounds* de determinados grupos, restringindo suas aspirações e possibilidades de futuro. Os *foregrounds*, segundo Skovsmose (2014), são compostos pelas expectativas, esperanças e projetos que os estudantes têm em relação à vida — e que podem ser silenciados por práticas escolares excludentes.

Este artigo tem como objetivo discutir, com base em dados de uma pesquisa de doutorado, como a presença de estudantes imigrantes nas aulas de matemática desafia concepções tradicionais de inclusão. Argumento que a Educação Matemática Inclusiva precisa ir além das abordagens voltadas exclusivamente à deficiência e considerar também as questões de raça, língua, cultura e pertencimento. Para isso, apresento o referencial teórico que sustenta esta discussão, compartilho dados produzidos por meio de entrevistas com professores e pais de estudantes imigrantes, e, por fim, aponto caminhos possíveis para a construção de uma prática pedagógica orientada pelo encontro entre diferenças.

2 Encontro de diferenças

Skovsmose (2019) propõe o conceito de *Encontro entre Diferenças* para descrever o ambiente em que sujeitos com distintas trajetórias de vida, origens culturais e expectativas convivem e aprendem juntos. Esse encontro acontece de maneira intensa em salas de aula multiculturais, onde,

por exemplo, estudantes imigrantes e não imigrantes compartilham espaços de aprendizagem, especialmente nas aulas de matemática.

Esses encontros não se restringem à diversidade cultural. Eles envolvem diferentes idiomas, religiosidades, formas de ser e viver, modos de pensar o mundo e sonhos — realizados ou frustrados. São múltiplos *foregrounds* (Skovsmose, 2014) que se cruzam e, quando reconhecidos e valorizados, podem enriquecer o processo educativo.

A convivência entre estudantes de diferentes contextos é uma oportunidade potente de aprendizagem. No entanto, essa possibilidade só se concretiza quando há respeito pelas diferenças e abertura ao diálogo. A matemática pode atuar como um meio para promover essa convivência, desde que não seja utilizada de forma excludente ou classificatória, mas como linguagem que ajuda a compreender o mundo em sua complexidade.

Um dos principais desafios enfrentados por estudantes imigrantes é a barreira linguística. Barwell et al. (2016) alertam que a diversidade linguística pode ser usada para estabelecer hierarquias em sala de aula, quando a fluência na língua local — geralmente em sua forma padrão — se torna critério de avaliação de competência. A ausência dessa fluência pode fazer com que o estudante seja percebido como “menos educado” ou “menos capaz”, comprometendo sua participação nas atividades matemáticas. É importante lembrar que todos os sujeitos presentes em sala de aula — inclusive os professores — são falantes situados. Cada um carrega consigo um repertório linguístico composto por línguas, dialetos, registros e estilos de fala. Valorizar esse repertório é essencial para construir um ambiente de aprendizagem verdadeiramente inclusivo.

Falar a língua local pode facilitar o aprendizado, mas não é suficiente para garantir equidade. Baber (2007) observa que estudantes imigrantes, mesmo quando dominam o idioma local e falam sem sotaque estrangeiro, continuam sendo rotulados como “estrangeiros” e tratados de forma desigual. Isso evidencia que a exclusão não é apenas linguística, mas também simbólica e racializada.

Nesse contexto, defendo que as aulas de matemática devem incorporar temas com implicações sociais e políticas, conectados aos interesses e vivências dos estudantes. Assuntos como desigualdade na distribuição de riquezas, racismo, xenofobia, trajetórias migratórias, precariedade habitacional e representações midiáticas podem ser mobilizados nas aulas. Nessas propostas, os estudantes imigrantes colaboram com suas experiências, ampliando as possibilidades de análise, reflexão e construção coletiva de conhecimento. A diferença deixa de ser problema e passa a ser potência — um recurso pedagógico valioso para a formação matemática e cidadã.

3 Metodologia

Este artigo está ancorado em uma abordagem qualitativa e crítica, orientada pelos princípios do Inquérito Crítico (Crotty, 1998; Denzin, 2015). Essa perspectiva busca compreender como desigualdades e estruturas sociais mais amplas moldam as experiências de sujeitos em contextos educacionais. O Inquérito Crítico permite evidenciar aspectos muitas vezes invisibilizados no cotidiano

escolar, revelando contradições, intencionalidades e implicações políticas de práticas pedagógicas e institucionais.

A pesquisa foi desenvolvida com base em dados produzidos por meio de entrevistas individuais semiestruturadas (Laville & Dionne, 1999), realizadas com catorze participantes: professores de matemática da rede pública brasileira e pais de estudantes imigrantes provenientes do Haiti e da Venezuela. As entrevistas, conduzidas em português, buscaram explorar experiências relacionadas à imigração e ao ensino e aprendizagem da matemática. O caráter semiestruturado possibilitou flexibilidade na condução das conversas, permitindo que os participantes compartilhassem suas vivências de forma livre, respeitosa e aprofundada.

A produção dos dados teve como foco compreender como o racismo, a xenofobia e os estereótipos impactam a participação de estudantes imigrantes nas aulas de matemática. Os relatos foram tratados como *insights* potentes, capazes de iluminar as dinâmicas de exclusão e os caminhos possíveis para a construção de uma educação mais justa e inclusiva.

Nesta comunicação, apresento excertos de duas entrevistas: a de Miguel e a de Marcus, ambos professores de matemática que atuam em escolas com presença significativa de estudantes imigrantes; na rede pública do estado de São Paulo. Esses relatos contribuem para refletir sobre as tensões e possibilidades do cotidiano escolar, especialmente no que se refere à inclusão de estudantes imigrantes por meio da matemática.

4 Professores de matemática como agentes de inclusão

A escola é um dos principais espaços de acolhimento de estudantes imigrantes. Nela, questões de pertencimento, reconhecimento e acesso ao conhecimento se tornam urgentes. Nesse cenário, os professores de matemática desempenham um papel fundamental não apenas como mediadores de conteúdo, mas como agentes socioculturais e políticos (Vieira & Moreira, 2020). Cabe a eles criarem condições para que todos os estudantes, independentemente de sua origem, possam se reconhecer como sujeitos legítimos de aprendizagem.

No entanto, a formação inicial docente raramente contempla discussões sobre imigração, racismo e diversidade cultural de maneira sistemática. Isso fica evidente nos relatos de professores que atuam em escolas públicas brasileiras. Miguel, por exemplo, compartilha:

Miguel: *Eu lembro que, na pós-graduação, não tive nenhuma abordagem sobre como lidar com esse público. E no mestrado, também não me recordo. Começavam algumas discussões sobre inclusão, mas não necessariamente envolvendo imigrantes — era mais voltado para pessoas com deficiência: surdos, mudos, cegos, pessoas com mobilidade reduzida.*

Já Markus acrescenta:

Markus: *Na minha formação universitária de base eu não tive nenhuma preparação para isso. Mas a gente está sempre se formando (na escola). A gente traz pessoas que trabalham com imigração, que estudam esse tema, para dar palestras pra gente. Estamos sempre estudando. Lemos autores que tratam dessa especificidade — para a EJA, para ações escolares em bairros periféricos e para migrantes. Vamos ‘trocando o pneu com o carro andando.*

Esses depoimentos ilustram a lacuna existente entre a realidade das salas de aula e os conteúdos abordados nos cursos de licenciatura. O contato direto com estudantes imigrantes exige dos professores uma escuta atenta, sensibilidade intercultural e abertura para repensar práticas pedagógicas de forma constante.

É preciso reconhecer que a diversidade em sala de aula não é um desafio a ser superado, mas uma condição constitutiva da escola contemporânea. O professor de matemática que se posiciona como agente de inclusão compreende que sua atuação envolve também o compromisso com uma formação humana e cidadã.

Para isso, é necessário investir em processos contínuos de formação, que articulem teoria e prática, política e pedagogia. A diversidade de trajetórias e saberes presentes nas escolas demanda profissionais preparados para atuar em contextos marcados por desigualdades estruturais. Isso implica assumir uma postura ética e política que valorize as diferenças e enfrente as opressões.

A atuação dos professores como agentes de inclusão está diretamente relacionada à necessidade de repensar a formação docente a partir de princípios de justiça social. Isso envolve revisar currículos, propor práticas colaborativas e construir coletivamente saberes que estejam em sintonia com os desafios contemporâneos da educação — entre eles, a presença crescente de estudantes imigrantes nas escolas públicas brasileiras.

5 Implicações políticas e sociais nas aulas de matemática

Quando se pensa nas barreiras que podem afetar o aprendizado de matemática de estudantes imigrantes, diversos fatores entram em jogo. Um tema amplamente debatido envolve as aulas de matemática em contextos linguisticamente diversos. A inclusão de temas com implicações políticas e sociais nas aulas de matemática pode apoiar a criação de um ambiente mais inclusivo. Tais temas podem envolver questões que interessam aos estudantes, e a matemática pode ser uma ferramenta para refletir sobre diferentes realidades. Exemplos incluem a distribuição de salários e riquezas, racismo e xenofobia, contextos migratórios, condições de moradia e a representação nas mídias sociais. Estudantes imigrantes podem ser chamados a colaborar, e suas diferenças podem ser recursos valiosos nas aulas de matemática.

Skovsmose (2023) aborda questões específicas, como as grandes desigualdades entre ricos e pobres em muitos países. A investigação da distribuição de bens e do bem-estar social pode ser feita por meio de investigações matemáticas, permitindo que os estudantes reflitam sobre essas

questões. Britto (2013) planejou aulas de matemática baseadas na investigação sobre a visibilidade dos negros no Brasil. Os estudantes eram convidados a pesquisar imagens de crianças em revistas e refletir sobre se essas imagens refletiam contextos positivos ou negativos e a visibilidade da população negra.

Esses dois exemplos mostram como é possível abordar temas políticos e sociais em aulas de matemática, promovendo uma reflexão crítica sobre a realidade e as injustiças sociais. Para estudantes imigrantes, esses temas podem se conectar com suas próprias experiências. Entretanto, abordar questões sociais e políticas nas aulas de matemática vai além de simplesmente incluir certos temas no planejamento. É fundamental, ao tratar de contextos imigrantes, evitar a "folclorização" e a visão de "estrangeiros" como inferiores intelectualmente ou culturalmente, o que só contribui para o processo de exclusão.

Akkari e Maleq (2020) afirmam que a cidadania se refere ao pertencimento a uma comunidade global. A educação deve abordar os desafios locais e globais. Nesse sentido, é importante considerar o contexto global ao abordar temas nas aulas de matemática. Autor (2023), buscou refletir sobre a cidadania global e a necessidade de permitir que os estudantes compreendam questões globais por meio da matemática. Isso pode ajudar a desenvolver um senso de responsabilidade social e solidariedade com grupos menos privilegiados, o que também contribui para o combate ao racismo.

Esse tipo de educação exige uma abordagem crítica e transformadora, respeitando a diversidade nas salas de aula de matemática e garantindo uma educação inclusiva e de qualidade. Deve também valorizar as diferentes formas de conhecimento matemático, considerando e aprendendo com os outros, e adquirindo diferentes tipos de saberes matemáticos.

Aulas de matemática que consideram o racismo no contexto da imigração devem estar atentas a práticas que valorizem a diversidade. A preocupação com o racismo, que pode criar exclusões dentro e fora da escola, deve fazer parte do processo de ensino-aprendizagem, refletindo as expectativas dos estudantes em relação ao futuro.

Vejo que as preocupações com a educação matemática estão caminhando no sentido de combater o racismo, utilizando temas sociopolíticos como ferramentas para compreender o mundo por meio da matemática. Mas, mais do que isso, é preciso escrever o mundo com a matemática. Isso está relacionado à motivação dos estudantes para aprender matemática e como ela se conecta às suas possibilidades de futuro e transformação social.

5 Considerações finais

A crescente presença de estudantes imigrantes nas escolas brasileiras coloca em evidência os limites de uma educação que ainda opera sob lógicas homogeneizantes. A simples garantia de acesso à escola, embora necessária, não assegura o pertencimento, a participação plena nem o reconhecimento das múltiplas identidades que esses estudantes carregam. Diante disso, a educação

matemática é convocada a assumir seu papel político e ético na construção de práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas.

Este artigo buscou evidenciar que a matemática, longe de ser neutra, é atravessada por disputas sociais, culturais e linguísticas, e que pode — ou não — contribuir para a ampliação das possibilidades de vida dos estudantes imigrantes. A análise dos dados, a partir das vozes de professores e mães de estudantes imigrantes, revelou o impacto das barreiras linguísticas, dos estereótipos e do racismo institucional sobre os processos de ensino e aprendizagem da matemática. As experiências relatadas evidenciam que a exclusão escolar pode ocorrer de forma sutil, por meio de silenciamentos, ausências curriculares e falta de preparo docente para lidar com a diversidade.

Por outro lado, também foram apontadas possibilidades pedagógicas potentes quando a diferença é reconhecida como um recurso educativo e não como um obstáculo. O conceito de *Encontro entre Diferenças*, proposto por Skovsmose, contribui para ressignificar a presença dos estudantes imigrantes nas aulas de matemática, entendendo essa convivência como oportunidade para aprender com o outro, a partir do diálogo entre diferentes *foregrounds*, histórias e visões de mundo.

Nesse sentido, a atuação dos professores de matemática como agentes de inclusão se torna central. Isso requer um movimento constante de formação e reflexão, que articule práticas pedagógicas com compromissos políticos, sociais e epistemológicos. A matemática pode ser um instrumento para ler e escrever o mundo — desde que conectada às experiências dos sujeitos, aos contextos em que vivem e às lutas que travam.

Concluo defendendo que a Educação Matemática Inclusiva precisa expandir seus horizontes para contemplar, de forma crítica e interseccional, as vivências de estudantes imigrantes. Isso implica reconhecer a pluralidade linguística e cultural presente nas escolas e promover a escuta ativa, a valorização das diferenças e o enfrentamento das desigualdades.

Referências

- AKKARI, A.; MALEQ, K. Repensando a educação para a cidadania global: uma perspectiva crítica. In: AKKARI, A.; MALEQ, K. (org.). *Global citizenship education*. Cham: Springer, 2020. p. 205–217. https://doi.org/10.1007/978-3-030-44617-8_15.
- BABER, S. *Interplay of citizenship, education and mathematics: formation of foregrounds of Pakistani immigrants in Denmark*. 2007. Tese (Doutorado) — Aalborg University, Dinamarca.
- BARROS, D. D. *Leitura e escrita de mundo com a matemática e a comunidade LGBTQ+: as lutas e a representatividade de um movimento*. 2021. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro.
- BARWELL, R. et al. (Org.). *Mathematics education and language diversity: The 21st ICMI study*. Cham: Springer, 2016.

- BRITTO, R. R. Educação matemática e democracia: mídia e racismo. In: *Anais do VII Congresso Iberoamericano de Educação Matemática (CIBEM)*, 2013, Montevideu. p. 3355–3362. Disponível em: <http://www.cibem7.semur.edu.uy/7/actas/pdfs/568.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CROTTY, M. *The foundations of social research: meaning and perspective in the research process*. Thousand Oaks: Sage, 1998.
- DENZIN, N. K. *Interpretive autoethnography*. 2. ed. Los Angeles: Sage, 2015.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SKOVSMOSE, O. *Foregrounds: opaque stories about learning*. Rotterdam: Sense Publishers, 2014.
- SKOVSMOSE, O. Inclusions, meetings and landscapes. In: KOLLOSCHE, D. et al. (Org.). *Inclusive mathematics education*. Cham: Springer, 2019. p. 71–84.
- SKOVSMOSE, O. Banality of mathematical expertise. *ZDM – Mathematics Education*, v. 52, n. 6, p. 1187–1197, 2020.
- VANDENBROECK, M. Aspectos econômicos, educacionais e sociais do respeito à diversidade na educação infantil. In: ABRAMOWICZ, A.; VANDENBROECK, M. (Org.). *Educação infantil e diferença*. Campinas: Papyrus, 2013. p. 13–26.
- VIEIRA, L. B.; MOREIRA, G. E. O estudante imigrante e o papel do professor de matemática como agente sociocultural e político. *Dialogia*, n. 34, p. 185–199, 2020.